



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

WASHINGTON SANTOS RODRIGUES

**CORDEL E IDENTIDADE: UMA CONSTRUÇÃO CULTURAL E
COLETIVA**

**GUARABIRA – PB
2015**

WASHINGTON SANTOS RODRIGUES

**CORDEL E IDENTIDADE: UMA CONSTRUÇÃO CULTURAL E
COLETIVA**

Artigo apresentado, em cumprimento aos requisitos
para obtenção do grau de Licenciatura em Letras, à
Universidade Estadual da Paraíba – Campus III

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Suely da Costa

**GUARABIRA – PB
2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R696c Rodrigues, Washington Santos
Cordel e identidade: [manuscrito] : uma construção cultural e coletiva / Washington Santos Rodrigues. - 2015.
22 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.
"Orientação: Prof^a. Dr^a. Maria Suely da Costa, Departamento
de Letras e Educação".

1.Cordel. 2.Identidade. 3.Memória. 4.Nordeste. I. Título.
21. ed. CDD 370

WASHINGTON SANTOS RODRIGUES


CORDEL E IDENTIDADE: UMA CONSTRUÇÃO CULTURAL E COLETIVA

Artigo apresentado, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras, à Universidade Estadual da Paraíba – Campus III

Aprovado em 10 de Julho de 2015

COMISSÃO EXAMINADORA


Prof. Dr.ª Maria Suely da Costa
(orientador- presidente)


Prof.ª Dra. Rosilda Alves Bezerra
(1º Examindor – UEPB)


Prof.ª Dra. Maria Neni de Freitas
(2º Examindor – UEPB)

GUARABIRA – PB
2015

A minha esposa, Alexandra Olímpia da Rocha Rodrigues, pelo incentivo, paciência e companheirismo. Aos meus filhos, Poliana, José Nattan e Letícia, presentes de Deus em minha vida.

Agradecimentos

A Deus, razão maior da minha existência.

Ao meu pai, José Geraldo Rodrigues (Tarinho Rodrigues), poeta e repentista, e maior inspiração deste trabalho.

A minha mãe, o maior amor do mundo.

Aos meus irmãos: Elisângela, Rosângela, Alessandro e Elenilson. Juntos, superamos os momentos de maiores dificuldades das nossas vidas.

A minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Maria Suely da Costa, pela confiança e incentivo.

Aos meus familiares, por sempre acreditarem na força do meu trabalho.

Aos colegas de sala, pela força mútua, pela dedicação sem medida e pela troca e construção de conhecimentos.

Aos meus colegas e amigos, que sempre estiveram ao meu lado, torcendo e vibrando a cada conquista.

Aos professores que fizeram parte da minha trajetória acadêmica, a todos sem exceção, os meus mais sinceros agradecimentos.

CORDEL E IDENTIDADE: UMA CONSTRUÇÃO CULTURAL COLETIVA

Washington Santos Rodrigues

RESUMO: O cordel teve suas origens na Europa e encontrou no Brasil, em especial no Nordeste, um campo fértil para seu desenvolvimento. Desta forma, é na região nordeste que ele se deixa revelar em suas múltiplas facetas; sonoras, métricas, rítmicas, linguísticas, econômicas, políticas e sociais, bem como nos trazem aspectos antropológicos que nos ajudam a entender o nosso presente. O presente artigo tem como objetivo discutir a relação entre cordel e identidade, situando o cordel como elemento fomentador da construção desta. Para tanto, realizamos pesquisa bibliográfica, recorrendo também a artigos científicos e dissertações acerca da temática, bem como analisamos alguns poemas de Patativa do Assaré e de Bráulio Tavares, sob a perspectiva de aliar a discussão teórica à prática. Ao discutirmos sobre identidade e memória, buscamos autores como Hall, Le Goff, Cascudo, dentre outros, para compreendermos os fundamentos e perspectivas destes conceitos. O cordel, em suas nuances, desvela memórias de como os sujeitos organizaram seus saberes e modos de ser, constituindo assim, o sentimento de pertencimento e de identidade, explicando sua própria existência e luta, que discorrem acerca da migração, da política, da seca, dos problemas sociais, até a reafirmação de seu estereótipo. Portanto, pudemos perceber, com os poemas de Patativa do Assaré e de Bráulio Tavares, que a identidade nordestina é uma construção social que reafirmam suas bases históricas de formação da região nordeste e de seu povo. Dessa forma, o cordel torna-se mais do que um objeto artístico da cultura popular. Ele se transforma em objeto de resistência e identidade, de luta e de alegria, produzindo e ressignificando seus bens culturais e simbólicos.

PALAVRAS-CHAVE: Cordel; Identidade; Memória; Nordeste.

1 INTRODUÇÃO

Pensar na identidade de um povo é trazer à memória uma tarefa prazerosa e, ao mesmo tempo, difícil. Tendo em vista que esta dualidade nos remete a árdua tarefa de buscar origens, fazer as pazes com o passado e manter os pés no presente. Mas como retratar a identidade de um povo sem perder de vista suas marcas sociais e identitárias? Encontramos no Cordel um destes meios de desvelar a identidade do povo nordestino. Identidade contada e imortalizada nos folhetos produzidos por poetas puramente nordestinos, como Patativa do Assaré e Bráulio Tavares, poetas que terão algumas de suas obras analisadas ao longo deste trabalho, obras como “A triste partida”, “Vaca Estrela e Boi Fubá” e “O meu nome é Trupizupe”.

O Cordel encanta pela destreza com que os artistas lidam com o cotidiano de forma criativa, rítmica, bem humorada e sempre alinhada com os fatos sociais. Com o cordel é possível reconstruir imagens de como fomos nascidos, criados, e dos porquês de sermos assim. Ele nos mostra traços constitutivos comuns que vão de estereótipos até a nossa ideia de pertencimento, de identidade. Sendo assim, discorrer sobre a contribuição do Cordel para a construção/fortalecimento da identidade nos permite conhecer, também, aspectos políticos, sociais e culturais que permitiram à assunção de uma identidade ainda marcada por estereótipos, muitas vezes velados de preconceitos.

Para esta pesquisa utilizamos pesquisa bibliográfica a partir de artigos e dissertações sobre a temática, bem como a análise de alguns cordéis, os quais nos auxiliaram na compreensão da importância do uso do Cordel na construção da identidade nordestina.

O fato do Cordel, ser um fomentador da Cultura nordestina, por si só, já demonstra sua importância para esse recorte espacial ao qual denominamos Nordeste. O Cordel se afirma tanto como objeto artístico cultural, como fomentador da sua própria cultura, ou seja, ao mesmo tempo em que ele agrega uma identidade regional, no caso à nordestina, ele também se apresenta como produtor dessa mesma identidade nas suas diferentes perspectivas. Sejam elas, políticas, religiosas, sociais, econômicas, lingüísticas, ou antropológicas, se retroalimentando de forma contínua e ininterrupta, mostrando sua força e robustez, independentemente das dificuldades enfrentadas para se afirmar como uma cultura de massa, ele continua ressignificando e produzindo de maneira ativa, seus bens culturais e simbólicos, contribuindo para o desenvolvimento

cultural, econômico e social da região nordeste. Cordel e Identidade não são apenas palavras ricas quanto à sua extensão semântica, vão muito mais além, pois nelas encontramos um lugar de construção social, um nordeste pujante e vivo.

2 IDENTIDADE: lugar de construção social

Pensar a identidade como fruto das relações sociais é colocar em tela o reconhecimento de características locais e modos de produzir cultura. Estes são fenômenos que estão, desde os primórdios da humanidade, se ressignificando e gerando novas formas de estar no mundo. Destas relações sociais emerge a identidade, num constante campo de lutas por sua afirmação já construída (historicamente) das interações sociais.

A identidade é instrumento de afirmação e resistência de um povo, uma nação. Para Hall (2000), a nação é um sistema de representação cultural. Desta forma, a identidade traz marcas regionais delimitadas pelo clima, modos de vestir, da linguagem, valores éticos e morais resultantes das relações sociais e políticas do homem com o meio ao qual está inserido.

Ao delimitarmos a linguagem, como objeto de reflexão acerca da construção de parte da identidade de um povo, certamente adentraremos em um terreno fértil, pois, da linguagem emerge a vitalidade e criatividade deste, gerando novos repertórios e novos valores permeados por contextos históricos. Nessa perspectiva, seria mais prudente falarmos em identidade(s), dada a multiplicidade de significados e de contextos de produção desta identidade, porém, não é objetivo nosso discutir identidade(s), no plural. Por enquanto, basta-nos saber que “um sujeito pode muito bem possuir diversas identidades e a qualquer momento se desvincular de uma delas (TIMBÓ; BESSA, 2012, p.196)”. Assim sendo, a identidade será resultante das produções simbólicas que um povo faz de si.

A identidade, no mundo contemporâneo, é definida pela alteridade, pelo outro, ou seja, como o outro o define. O resultado de um processo de construção identitária, depende muito da produção simbólica, iconográfica, narrativa e discursiva, e de relações e inter-relações sociais e culturais. As relações de força e de poder, que não se dão num espaço harmonioso, mas são disputadas pelos grupos sociais (SILVA, 2012, p. 62).

Ou seja, o homem, através de sua marca identitária, constrói sua representação do mundo. Mas como representar-se em um mundo permeado de outras

marcas identitárias que nos chegam através da globalização? Como afirmar nossa identidade quando temos, hodiernamente, outras culturas e outras representações de como outros homens se relacionam com o mundo? Segundo Silva (2012, p. 63),

Essas mudanças sociais colocam à prova o sujeito e a própria identidade, trazendo a tona incertezas e dúvidas a uma estrutura que sempre se apresentou de forma absoluta, única e imutável. Tais transformações vêm mudando a forma de ver o mundo diante dos efeitos desastrosos da globalização (SILVA, 2012, p.63).

Portanto, o sentimento de pertencimento a uma determinada comunidade/sociedade será aquilo que poderá nos dar uma marca de identidade, sempre atravessados pelas mudanças históricas. Tais mudanças nos moldam desde características atitudinais e comportamentais até modos de nos vestir, linguísticos (de falar), e de como representamos os nossos territórios.

No contexto de formação de identidade, temos o povo nordestino. Povo este que guarda marcas de um Brasil diverso e ímpar. Nordeste de práticas políticas e aspectos geográficos que trazem suas identidades marcadas por estereótipos, onde

Os estereótipos e preconceitos criados pelos sulistas, e pelos próprios nortistas para depreciar a imagem do nordestino. É nessa época que surge o “flagelo das secas”, o “homem atrasado” em relação à região sul, que seria agora o modelo a ser seguido, bem como o “homem que fala errado”, “analfabeto”, entre outros estereótipos que servem para rotular a imagem do nordestino como única, sem diversidade, sem diferenças. Porém, os nordestinos, embalados pelo movimento regionalista, também iniciam um trabalho de busca pela valorização de sua região, o que acarreta, também, na criação de estereótipos, muitos difundidos ainda hoje no Brasil todo. Quem nunca ouviu dizer que o Nordeste é terra de “cabra macho”? (GÓES, 2011, p. 2523).

É justamente a partir das representações sociais que permeiam a região nordeste que passaremos a colocar em tela a contribuição do Cordel enquanto elemento de construção e fortalecimento do sentimento de pertencimento e cultura da identidade do povo nordestino. Como vimos em GÓES (p.2523), o nordeste não pode ser rotulado como detentor de uma imagem única e imutável, seria um equívoco, pois tal percepção não se coaduna com a realidade desse recorte espacial e de seu povo, fazendo desse olhar, um olhar pobre e ultrapassado, tendo em vista a riqueza cultural que transborda

dos artistas dessa região, assim como da sua riqueza econômica e social. Nessa perspectiva o Cordel tem um importante papel na difusão da cultura e da identidade da região, uma vez que essa ferramenta linguística, coloca à disposição todo um leque de diversidade, que encanta por sua variedade, qualidade e singularidade. Embora não seja uma cultura de massa, tendo em vista a pouca visibilidade que lhe é dada pelos grandes meios de comunicação, numa tentativa explícita de deixá-lo à margem das demais culturas e de suas programações, o Cordel vem se reafirmando dia após dia, como um referencial cultural e identitário, não apenas do nordeste, mas também de todo povo brasileiro.

3 CORDEL: da oralidade à escrita

A oralidade é responsável pela transmissão primeira dos conhecimentos socialmente produzidos pelo homem: as tradições, a organização social e política, os modos de vida. Para Brasileiro e Silveira (2013, p. 3),

As narrativas orais remontam à antiguidade grega, como a célebre *Odisseia*, de Homero, uma das grandes obras ocidentais que mais influenciaram a nossa cultura literária. A tradição oral medieval tem início no Brasil com a colonização a partir de 1500, ambientou-se no Nordeste brasileiro pelas semelhanças geográficas dessa região com os cenários medievais da época (BRASILEIRO e SILVEIRA, 2013, p.3).

Ou seja, a oralidade torna-se meio de perpetuação das tradições e culturas dos povos. Retratam os modos de como viviam (e vivem) e de como representavam seus modos de estarem no mundo e, “o cordel é, antes de tudo, fruto dessa oralidade, pois foi através das narrativas orais, contos e cantorias que surgiram nossos primeiros folhetos, tendo a métrica, o ritmo e a rima como seus elementos formais essencialmente marcantes nessa literatura (SILVA, 2007, p.12)”. Com a oralidade os povos mantêm vivas suas memórias e histórias através dos relatos do cotidiano, colocando em tela as informações necessárias da formação de sua cultura e identidade, mediadas pela memória. Segundo Lima (2012), a memória serve para dar concretude às leituras passadas. Para Le Goff (1994, p.423),

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1994, p.432).

Através da memória, a oralidade “constitui-se numa construção social (LIMA, 2012, p.38)”, pois, “recordar a própria vida é fundamental para nosso sentimento de identidade [...]” (THOMPSON, 1992.p.208). Portanto, a preservação da cultura e das tradições de um povo (mediados pela oralidade) se constitui na construção da identidade. Entretanto,

No caso brasileiro, essa memória é formada também pela questão da tradição que remonta à chegada dos europeus no Brasil em várias regiões, como é o caso do Nordeste, região cuja identidade é também fruto da herança de antepassados, no caso do cordel nordestino, uma herança que remonta ao período colonial brasileiro (BRASILEIRO e SILVEIRA, 2013, p.4).

Somente com o advento da escrita a oralidade passa a ter espaço secundário na transmissão de conhecimento. A tecnologia da escrita permitiu não só a manutenção das tradições, mas também massificou tais informações, chegando (de forma fidedigna) a outras nações, povos e culturas. Este feito permitiu à oralidade manter suas marcas rítmicas e sonoras identitárias, sem perdas fonéticas e semânticas.

Dentre as várias materializações escritas que a oralidade se deixa apresentar, temos o Cordel. Este gênero textual encontrou na cultura nordestina campo fértil e duradouro, pois traduz com grande sensibilidade o cotidiano do homem nordestino.

Surgida então na Europa, a literatura de cordel penetra no Brasil por volta de finais do século XIX, porém não demonstra tanta força como tem hoje, e passa por períodos de altos e baixos, tendo como prováveis pontos de decadência a iminência da distribuição de jornais pelo interior do país, bem como o surgimento do rádio e, posteriormente a chegada da televisão em nosso país. Porém, apesar desses duros golpes, o cordel se mostrou resistente a esses fatores e é uma das mais notáveis manifestações culturais da região Nordeste (GÓES, 2011, p.2524).

Ou ainda,

No Brasil, a tradição oral se apresenta de várias formas, contudo, a literatura de cordel é a que mais tem resistido e é a maior detentora de um cabedal de informações passadas na forma de expressões rimadas, com características específicas, que instigam os cantadores a memorizarem seus longos poemas (BRASILEIRO e SILVEIRA, 2013, p.3).

Essa tradição literária oral representa um importante meio de resguardar a memória popular nordestina com a transformação de temas cotidianos em canções rimadas a serem divulgadas em feiras e folhetos de cordel, como é comum em cidades da Região Nordeste, a exemplo de Campina Grande na Paraíba. A memória do cordel é um importante instrumento da identidade cultural nordestina que eleva a estima popular como parte da constituição de uma identidade nacional brasileira (Ibdem, ibdem).

Dessa forma, o cordel assume o papel de difusor da “nordestinidade” marcada pela resistência, pela valorização de sua linguagem, seus costumes e tradições. Dado seu baixo custo de produção, o cordel alcança aos diversos públicos e classes sociais, tornando-se o principal meio de educação, informação e de circulação da cultura nordestina (circulando, inclusive, no meio erudito). Há de se destacar que, “o folheto¹ nordestino desde os seus primórdios [...] é uma criação impressa, embora tenha sido influenciado pelas narrativas tradicionais orais (SILVA, 2007, p. 13)”.

Como bem observou GOÉS (2011), o Cordel teve suas origens na Europa, chegando ao Brasil por volta do final do século XIX, e de lá até os nossos dias ele vem passando por transformações e períodos de altos e baixos, tendo o seu primeiro declínio com o advento do rádio, quando muitos davam por certo o seu fatídico fim, felizmente estavam enganados. Logo em seguida ele sofre outro duro golpe com o surgimento e difusão da televisão em boa parte dos lares nordestinos, mas como uma Fênix, novamente ressurgiu ainda mais forte e robusto, passando inclusive a transitar nos meios acadêmicos, com certa resistência é bem verdade, mas já começava sua trajetória dentro do meio intelectual. Para BRASILEIRO e SILVEIRA (2013), conservar essa memória é fundamental para a auto-estima do povo nordestino, constituindo assim uma identidade cultural brasileira. Das várias formas de tradição oral, o Cordel se destaca pela sua riqueza: métrica, rítmica e sonora, sem falar nos longos poemas que os cantadores e declamadores memorizam de forma impressionante, demonstrando a capacidade que esses artistas possuem.

Nos cordéis são encontrados não só as representações que seus autores fazem do cotidiano, mas também, fatos históricos, temas universais, e as crenças que se fundam na memória e geram a identidade local. No cordel, as vozes das pessoas antigas ecoam de forma muito presente, ajudando-nos a compreender o processo de construção de nossa identidade e as representações que fazemos dela. Será a partir desta reflexão, que trataremos na seção a seguir, acerca da construção da identidade através do cordel.

¹ Vale ressaltar que os Folhetos são o nome original da produção literária que hoje conhecemos como Literatura de Cordel no Brasil.

4 CORDEL E IDENTIDADE: o nordeste vivo

A partir das discussões feitas já nos é possível afirmar que há uma intrínseca relação entre cordel e identidade. É possível afirmar, também, que o cordel é produtor de sentido, de cultura, de pertencimento, ou seja, que nos permite fazer uma representação cultural de um determinado povo – neste caso, o povo nordestino.

Para reforçar nossa afirmativa, tomemos como exemplo o cordel abaixo, de autoria de Patativa do Assaré.

A Triste Partida

Patativa do Assaré

Setembro passou
 Outubro e novembro
 Já tamo em dezembro
 Meu Deus, que é de nós,
 Meu Deus, meu Deus
 Assim fala o pobre
 Do seco nordeste
 Com medo da peste
 Da fome feroz
 Ai, ai, ai, ai

A treze do mês
 Ele fez experiência
 Perdeu sua crença
 Nas pedras de sal,
 Meu Deus, meu Deus
 Mas noutra esperança
 Com gosto se agarra
 Pensando na barra
 Do alegre Natal
 Ai, ai, ai, ai

Rompeu-se o Natal
 Porém barra não veio
 O sol bem vermeio
 Nasceu muito além
 Meu Deus, meu Deus
 Na copa da mata

Buzina a cigarra
 Ninguém vê a barra
 Pois a barra não tem
 Ai, ai, ai, ai

Sem chuva na terra
 Descamba Janeiro,
 Depois fevereiro
 E o mesmo verão
 Meu Deus, meu Deus
 Entonce o nortista
 Pensando consigo
 Diz: "isso é castigo
 Não chove mais não"
 Ai, ai, ai, ai...

Não há como desvincular os aspectos geográficos, políticos, econômicos e religiosos do poema das características geográficas, políticas, econômicas e religiosas da região nordeste. Este trecho (bem como todo o poema) traz memórias históricas, antropológicas e sociológicas que, no Brasil, são próprias da região nordeste.

Podemos observar mais claramente tais vinculações em alguns versos como em: “*Meu Deus, meu Deus*”, verso esse repetido diversas vezes ao longo do poema, com o propósito claro de demonstrar a forte religiosidade da região, talvez um dos traços mais marcantes do povo Nordestino. Também podemos observar no poema em questão, a total falta de capacidade do sertanejo, de compreender a sua função no âmbito Político Social, de compreender a sua situação enquanto cidadão, e refém dessa falta de politização, não lhe resta outra alternativa, a não ser colocar toda a sua confiança no Divino, enxergando essa mesma situação como uma fatalidade, inclusive chegando a se culpar por todo o seu sofrimento, como podemos observar nos versos “*Pensando consigo/Diz: Isso é castigo/ Não chove mais não*”.

Outro aspecto importante a se destacar é a linguagem. O Brasil, por sua dimensão continental, traz marcas de variação linguística, que são marcantes (ímpares) e identitárias. Nessa perspectiva, o poema de Patativa (que pode ser assumido também como conto popular) consolida a existência de uma identidade cultural, nordestina, Como observaremos nos seguintes versos: “*Já tamo em dezembro*”, “*O sol bem vermeio*” e “*Entonce o nortista*”. Fazendo esse recorte linguístico, podemos afirmar com muita convicção que esse traço é sem sombra de dúvidas o recorte identitário mais

proeminente do povo nordestino e talvez o mais discriminado pelos Sulistas, que normalmente estabelecem o padrão a ser seguido determinando de certa maneira o que é bom e/ou ruim e o que é certo e/ou errado.

O conto popular revela informações históricas, etnográficas, sociológicas, jurídicas, social. É um documento vivo, denunciando costumes, ideias, mentalidades, decisões, julgamentos. Para todos nós é o primeiro leite intelectual. Encontramos nos contos vestígios de usos estranhos, hábitos desaparecidos que julgávamos tratar-se de pura invenção do narrador (CASCUDO, 1976, p.249).

Marcada pela seca, a região é assolada pelo êxodo, provocando o sentimento de pertencimento regional. Este êxodo faz com que os cordéis se transformem num recurso de comunicação a outras regiões de dos porquês deste êxodo e, numa espécie de ode, o poeta representa características sociais comuns aos nordestinos, especialmente, os “fugidos da seca”.

Vaca Estrela e Boi Fubá

Patativa do Assaré

Seu doutor me dê licença pra minha história contar.
 Hoje eu tô na terra estranha, é bem triste o meu penar
 Mas já fui muito feliz vivendo no meu lugar.
 Eu tinha cavalo bom e gostava de campear.
 E todo dia aboiava na porteira do curral.

Ê ê ê la a a a ê ê ê Vaca Estrela,
 Ô ô ô Boi Fubá.

Eu sou filho do Nordeste , não nego meu naturá
 Mas uma seca medonha me tangeu de lá pra cá
 Lá eu tinha o meu gadinho, num é bom nem imaginar,
 Minha linda Vaca Estrela e o meu belo Boi Fubá
 Quando era de tardezinha eu começava a aboiar.

Ê ê ê la a a a ê ê ê Vaca Estrela,
 Ô ô ô Boi Fubá.

Aquela seca medonha fez tudo se atrapalhar,
 Não nasceu capim no campo para o gado sustentar
 O sertão esturricou, fez os açude secar

Morreu minha Vaca Estrela, já acabou meu Boi Fubá
Perdi tudo quanto tinha, nunca mais pude aboiar.

Ê ê ê ê la a a a ê ê ê ê Vaca Estrela,
Ô ô ô ô Boi Fubá.

Hoje nas terra do sul, longe do torrão natá
Quando eu vejo em minha frente uma boiada passar,
As água corre dos olho, começo logo a chorá
Lembro a minha Vaca Estrela e o meu lindo Boi Fubá
Com saudade do Nordeste, dá vontade de aboiar.

Ê ê ê ê la a a a ê ê ê ê Vaca Estrela,
Ô ô ô ô Boi Fubá.

Essas características como: Êxodo, seca, pertencimento regional, são muito marcantes na poesia de Patativa, muito evidentes no poema “Vaca estrela e Boi Fubá”. Observemos os versos: “*Hoje eu tô na terra estranha, é bem triste o meu penar/ Mas já fui muito feliz vivendo no meu lugar*” e “*Aquela seca medonha fez tudo se atrapalhar/Não nasceu capim no campo para o gado sustentar*”. Como podemos observar, os versos em baila mostram a desolação do nordestino por ter que viver distante de sua terra, mesmo com todos os sofrimentos “impostos” por ela. É como se não morrendo de fome e de sede, o infeliz sertanejo morresse por dentro. No tocante a questão linguística, é importante salientar o uso da norma “cultura”, ao invés da forma considerada “vulgar”, no mesmo poema e no mesmo verso. O poeta faz uso da norma “cultura”, para poder enriquecer o poema no tocante a questão da rima, uma vez que ele deixa de usar as palavras: “*imaginá*”, “*aboiá*”, “*atrapaiá*” “*sustentá*”, e “*passá*”, para fazer uso de suas correspondentes na sua forma padrão: *imaginar, aboiar, atrapalhar, sustentar e passar*, respectivamente, mostrando-nos o seu conhecimento tanto da norma culta quanto da sua variação, além do conhecimento estético da poesia em si.

São a partir destas trocas experienciais (trocas sociais) mediadas pelo cordel que os sujeitos nordestinos se reconhecem enquanto grupo social, cuja identidade é marcada por traços comuns, pela relação de alteridade.

Em *Os Sertões*, Euclides da Cunha descreve o sertanejo (nordestino) como um Hércules-Quasímodo, realçando dois extremos da estética nordestina. Da mesma forma, os poemas de cordel realçam a ideia estética do nordestino em seus paradoxos; também fala do sujeito destemido e “cabra macho”, acentuando, mais uma característica da identidade nordestina, como veremos, a seguir: no poema de Bráulio Tavares.

O Meu Nome é Trupizupe

O meu nome é Trupizupe, sou o galo de Campina
Me chamam Trupizupe, o raio da silibrina...

Eu não digo à ninguém que sou valente
Vivo longe dos brutos desordeiros
Sei tratar muito bem meus companheiros
Mas se um dia eu ficar de sangue quente
Chegarei no inferno de repente
Faço o diabo chefe virar mulher
Mando logo prender a lucifer
Solto alma de deuses e pagãos
Se o cão cocho cair nas minhas mãos
Só se salta com vida se eu quiser...

Qualquer dia do ano se eu puder
Para o céu eu farei uma jornada
E como a lua já está desvirginada
Olha eu posso tomá-la por mulher
Se acaso São Jorge não quiser
Olha eu tomo o cavalo que ele tem
Se a lua quiser me amar também
Dou-lhe um beijo nas tranças do cabelo
Deixo o santo com dor de cotovelo
Sem cavalo sem lua e sem ninguém...

Sou o bote da cobra caninana
Sou dentada de tigre enraivecido
Sou granada que solta um estampido
Que se escuta por mais de uma semana
Sou picada de abelha italiana
Sou a bala que acerta o meio da testa
Sou incêndio que arrasa uma floresta
Sou a bruta explosão da dinamite
Sou micróbio feroz da meningite
Liquidando com gente que não presta...

Dei um murro nas ventas de um mal poeta
Que a cabeça voou fez piruetas
Passando por todos os planêtas
Foi parar num reinado de um profeta
Disse um santo que viu ficou pateta
A cabeça do cabra estava um facho
Uma alma gritou: "Oh velho macho!"
São Pedro falou: "O que é isto?"
Disse um anjo que estava junto à Cristo:
"É Zé Ramalho zangado Lá embaixo!"

Percebemos, assim, que o cordel reforça o sentimento de pertencimento e identidade a partir de estereótipos construídos e difundidos socialmente através da linguagem, dos costumes, das imagens que os sujeitos fazem de si e da classe social a qual está inserido, difundindo sua cultura e seus modos de ser. No poema de Bráulio Tavares “O meu Nome é Trupizupe”, o autor reforça a idéia e o estereótipo do nordestino valente, brabo, cabra macho, como podemos perceber nos versos: “*Mas se um dia eu ficar de sangue quente/Chegarei no inferno de repente/Faço o diabo chefão virar mulher.* estereótipo típico do nordestino destemido que enfrenta até mesmo o “cão”, alcunha para Lúcifer. Ora para alguém que enfrenta um ser tão temido pela maioria do povo nordestino, não é de se surpreender que esse ser (o nordestino), também não possa enfrentar com a mesma coragem todos os desafios desse recorte espacial que convencionamos chamá-lo de Nordeste.

Sendo assim, o cordel torna-se fruto e representante da sensibilidade nordestina ao ler o mundo a sua volta. Ele adentra o ser nordestino através das vozes passadas, das memórias que descortinam nossa identidade cultural. Mas que também denuncia, exalta, diverte, enamora e marca as trajetórias do povo nordestino através das vozes contidas nos cordéis.

O cordel também retrata a resistência não só do povo, mas do próprio cordel, que em dias atuais pouco ou nenhum espaço de veiculação encontra, pois, nunca se configurou em cultura de massa, mas mantém-se ativo através de seus representantes modernos.

A Literatura de cordel permite-nos reconstruir nosso sentimento de pertencimento e identidade através do conhecimento de nossa história. Ele nos dá um valor cultural inegável que atravessa gerações, tornando-se não somente um objeto artístico, mas também, um referencial de identidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos visto, ao longo deste artigo, que o cordel teve suas origens na Europa e encontrou no Brasil, em especial no Nordeste, um campo fértil para seu desenvolvimento. Desta forma, é na região nordeste que ele se deixa revelar em suas múltiplas facetas; sonoras, métricas, rítmicas, linguísticas, econômicas, políticas e sociais, bem como nos trazem aspectos antropológicos que nos ajudam a entender o nosso presente.

O cordel, em suas nuances, desvela memórias de como os sujeitos organizaram seus saberes e modos de ser, constituindo assim, o sentimento de pertencimento e de identidade, explicando sua própria existência e luta. Que discorrem acerca da migração, da política, da seca, dos problemas sociais, até a reafirmação de seu estereótipo.

Podemos perceber, com os poemas de Patativa do Assaré e de Bráulio Tavares, que a identidade nordestina é uma construção social que reafirmam suas bases históricas de formação da região nordeste e de seu povo. Dessa forma, o cordel torna-se mais do que um objeto artístico da cultura popular. Ele se transforma em objeto de resistência e identidade, de luta e de alegria, produzindo e ressignificando seus bens culturais e simbólicos.

6 REFERÊNCIAS

ASSARÉ, Patativa. *A Triste Partida.* Disponível em: http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=A+triste+partida,+Patativa+do+Assar%C3%A9<r=a&id_perso=5978 Acesso em 20 de novembro de 2014.

BRASILEIRO, Osmando J; SILVEIRA, Regina da Costa da. *Literatura e Oralidade no Cordel: Identidade e Memória Cultural Nordestina*

CASCUDO, Luís da Câmara. 1976. *Seleção: organização, estudos e notas do professor Américo de Oliveira Costa.* 2 ed. Rio de Janeiro. J.Olympio.

GÓES, Karolayne Ribeiro de. *A Literatura de Cordel: Elementos Formadores da Região Nordeste.* 2011

HALL, Stuart. 2000. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória.* Tradução Bernardo Leitão. 3 ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1994 (Coleção Repertório).

LIMA, Francisco das Chagas Galvão de. *Pastoral de Juventude do meio popular: práticas educativas e cidadania.* João Pessoa, 2012. (Dissertação de Mestrado)- Universidade Federal da Paraíba.

SILVA, José Severino da. *Diáspora nordestina na baixada fluminense: a literatura de cordel como marca identitária / José Severino da Silva.* – 2012. 129 f.: il.; 30 cm. Dissertação (Mestrado em Letras e Ciências Humanas) - Universidade do Grande Rio.

SILVA, Josivaldo Custódio da. *Literatura de Cordel: um fazer popular a caminho da sala de aula.* / Josivaldo Custódio da Silva. – João Pessoa: 2007, 132 p. (Dissertação de Mestrado).

TAVARES, Bráulio. *O meu nome é trupizupe.* Disponível em: <https://poemia.wordpress.com/tag/braulio-tavares/> Acesso em 20 de novembro de 2014.

THOMPSON, Paul. *A voz do Passado: história oral.* 2 ed. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TIMBÓ; BESSA. *A identidade e representação do Ceará na literatura de cordel: análise dos cordéis o Romance do Pavão Misterioso e As proezas de João Grilo*1Revista Investigações - Vol. 25, nº 1, Janeiro/2012.